

## MONTAIGNE E OS CAMINHOS QUE DESENVOLVEM UMA CABEÇA BEM FORMADA

Matheus Passavante Amaral\*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo reconstruir e apresentar as ideias de Montaigne a respeito da educação partindo do ensaio *Da educação das crianças*. Contextualizando o gênero “ensaio” na filosofia de Montaigne, identificamos alguns valores implícitos presentes na sua argumentação sobre a educação. Apresentando suas críticas à pedagogia humanista escolástica, recuperamos duas noções fundamentais para sua reflexão sobre a educação: “cabeça bem formada” e “o comércio dos homens”. Mostrando que para Montaigne a formação se dá através da visitação do mundo, denota-se a função do professor e seus modos para conduzir seus alunos a desenvolver uma cabeça bem formada.

**Palavras-chave:** Cabeça bem formada. Ensaio. Educação. Preceptor. Formação moral.

## MONTAIGNE AND THE PATHS THAT DEVELOP A WELL FORMED HEAD

**Abstract:** This article aims to reconstruct and present Montaigne's ideas about education based on the essay “On the Education of Children”. By contextualizing the genre “essay” in Montaigne's philosophy, we identify some implicit values present in his argument about education. By presenting his critiques of humanistic scholastic pedagogy, we recover two fundamental notions for his reflection on education: “a head well-formed” and “the commerce of men”. Showing that for Montaigne the formation takes place through the visitation of the world, it denotes the teacher's function and his ways to lead his students to develop a well-formed head.

**Keywords:** Head well-formed. Essay. Education. Preceptor. Moral Formation.

### Introdução

Montaigne (1533-1592) foi um filósofo francês do período renascentista, período que marca o fim da Idade Média. Nesta época, ao buscar a autonomia do ser racional, o indivíduo descobre a historicidade do mundo humano, o valor do homem em sua natureza mundana e a importância da tolerância (principalmente religiosa), abalando então a estrutura das sociedades medievais. Montaigne, sujeito histórico e consciente

---

\* Licenciado em Filosofia (2016) pela UFPE, Mestre em Filosofia (2019) pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), núcleo UFPE. Atualmente participa do Grupo de Estudos e Pesquisas Foucault e Educação: Reverberações e Ensaios de Pensamento (Centro de educação - UFPE). Contato: passamath@gmail.com.

dos valores de sua época, estuda em sua obra o indivíduo como centro único de todas as experiências humanas. Sua obra, *Ensaaios* (primeira publicação em 1580), reúne assistematicamente abordagens tanto sobre temas clássicos e cultos, quanto temas banais como a flatulência, pois esses temas banais também compõem a realidade humana. Auxiliado pelo pensamento antigo, o ensaísta pretende, explorando e indagando as condutas humanas, conhecer a si mesmo para então compreender o ser humano, ambição que resulta numa obra mais permeada por dúvidas e menos por afirmações.

Uma das indagações apresentadas nos *Ensaaios* – obra dividida em três livros com diversos capítulos – é a respeito da maneira como a educação havia sendo praticada em sua época. Esse assunto é tratado no capítulo XXVI, que tem por título “Da educação das crianças”. Apesar do título, Montaigne está preocupado com a formação do homem, em como torná-lo instruído para as coisas mais urgentes e proveitosas da vida humana, torná-lo um praticante da *arte de viver bem*. Para tal, é importante que na sua juventude o indivíduo seja encaminhado a tomar consciência de sua finitude, de sua liberdade e limitações, e então viver uma vida virtuosa, forte, sábia e bela. A educação que o encaminha para o desenvolvimento dessa consciência não pode ser praticada de maneira rígida, pois a juventude também é um momento importante para a livre expressão individual. O jovem deve pensar por si mesmo, julgar por si mesmo, ser autor de suas próprias ideias; a educação, segundo Montaigne, deve dar ao jovem as ferramentas necessárias para que ele o faça de maneira independente e mais apropriada.

Para Montaigne, portanto, a estrutura da educação vigente em sua época era malsucedida no que ensinava e como ensinava. Enquanto ele defendia a necessidade de uma formação moral, as escolas de sua época priorizavam a formação para erudição, eloquência ou ganho profissional. A educação naquela ocasião, criticada pelo autor, promovia homens de *cabeça cheia* quando deveriam conceber homens de *cabeça bem formada*. A educação não deveria voltar-se para o conhecimento acumulado por seus alunos, mas para a sua formação moral, pois o fruto dos estudos é tornar-nos melhores, mais sábios, mais avisados. O conhecimento acumulado, independentemente da quantidade, deve ser uma ferramenta para o exercício do julgamento e para a formação do caráter. O ensino deve girar em torno das atividades do aluno, e não do

conhecimento por ele adquirido. Por esta razão é necessário desenvolver uma *cabeça bem formada*, que valorize a prática do saber.

O trabalho “*Montaigne e os caminhos que desenvolvem uma cabeça bem formada*” tem por objetivo apresentar as opiniões deste autor a respeito da educação. Pretende-se denotar os cuidados necessários para uma boa formação do homem – mostrar como experimentar os caminhos torna uma *cabeça bem formada* – e expor o que para o autor são as finalidades fundamentais de uma educação benéfica. Para tal objetivo faz-se necessário a explanação a respeito de sua maneira de escrever, ou de “ensaiar”, a identificação dos valores existentes por trás de suas ideias, a apresentação da ideia de *cabeça bem formada* através de sua crítica ao sistema pedagógico humanista. Então, será denotada a função do preceptor no processo de aprendizado e os meios através dos quais ocorrerão as atividades que contribuirão para o desenvolvimento de uma *cabeça bem formada*.

### **Sobre o escrever em ensaios e as motivações de Montaigne**

É impossível separar um capítulo dos outros quando se trata dos *Ensaio*s de Montaigne. Eles se completam entre si ainda que sua organização tenha caráter assistemático e impremeditado. As mudanças de postura e as contradições cometidas pelo autor ao longo dos escritos devem ser respeitadas no contexto da obra, isto é, devemos compreender o método utilizado pelo autor para reconstruir e expressar seus raciocínios e posições. Portanto, a fim de evitar conclusões apressadas<sup>85</sup>, provocadas geralmente pela má compreensão do significado filosófico da escolha por esse gênero literário (ensaio), e proporcionar uma interpretação ainda mais apropriada das ideias do autor, faz-se necessário uma contextualização do capítulo que escolhemos. Então, o relacionaremos com a obra inteira, pois os preconceitos das generalizações descuidadas nos cega para a coerência da filosofia montaigneana<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup> Que geralmente caem na acusação do suposto aristocracismo ou individualismo ausente de questões sociais. (THEOBALDO, 2008, p. 16).

<sup>86</sup> “[...]identificar a particularidade de sua filosofia, mediante uma generalização descuidada, com a contradição pode nos cegar de saída para a eventual coerência filosófica, que no caso exista, está a movimentar esse pensamento, mesmo (e talvez particularmente) em suas contradições aparentes ou efetivas” (EVA, 2007, p. 24).

A palavra “ensaio” até Montaigne tinha uma conotação de “tentativa”, “experiência” ou “preparação”. O gênero literário chamado ensaio está ligado à prosa, ou seja, é um gênero caracterizado pelo modo natural de falar ou escrever conforme utilizado na vida cotidiana, sem metrificações ou ritmos regulares provocados intencionalmente. Segundo Massaud Moisés, o ensaio é uma discussão livre e pessoal a respeito de um assunto qualquer, onde o ensaísta não se preocupa em adornar sua expressão ou em justificar suas ideias:

[...] preocupa-o, fundamentalmente, desenvolver por escrito um raciocínio, uma intuição, a fim de verificar-lhe o possível acerto: redige como se buscasse ver, na concretização verbal, em que medida é defensável o seu entendimento do problema em foco. (MOISÉS, 2004, p. 177).

O ensaísta está preocupado em tornar concreto o seu pensamento através da escrita e avaliar seus pensamentos por meio deles. Ensaaios não têm caráter persuasivo, mas caráter comovedor. Fica ainda mais claro na obra de Montaigne como ele, sem muito esforço, estabelece um diálogo íntimo com o leitor, seja pelos assuntos abordados ou por sua maneira coloquial de escrever sem perder a fluidez e profundidade.

A motivação central de Montaigne para escrever os *Ensaaios* é a do autoconhecimento. Sua maneira de se autoconhecer é opinar a respeito dos valores comuns de sua época. Assim, os *Ensaaios* podem ser encarados como um catálogo das opiniões recebidas, opiniões que naturalmente seguem de comentários perspicazes, permeados de significados filosóficos. Ora, o gênero literário em voga na época, bastante utilizado pelos humanistas escolásticos era o tratado. Esse gênero não daria liberdade e independência suficiente para que Montaigne efetivasse o objetivo fundamental de seu projeto, o do autoconhecimento. O próprio autor demonstra essa vontade de autenticidade e simplicidade:

Quero ser como sou em quaisquer circunstâncias e não apenas no papel. Empreguei toda a minha arte e meu engenho em melhorar. Não estudei com o objetivo de aprender a escrever e sim de me conhecer. Todos os meus esforços visaram a vida e pouco me incomodei com criar uma obra literária. (MONTAIGNE, 1962 apud ANTUNES, 2012, p. 36).

O ato de escrever em ensaios não é ingênuo ou aleatório. A escrita coloquial corrobora também, como indica Burke<sup>87</sup>, com sua postura possivelmente cética de justaposição de ideias e suspensão de juízo, revelando também o descompromisso com sistemas estritos e rigorosos sobre uma totalidade. Escrever em ensaio também faz parte de sua crítica à erudição escolástica. Sobre esse tema é oportuno o comentário de Adorno a respeito:

[...] o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta sobretudo contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça cometida contra o transitório, pela qual este é novamente condenado no conceito. O ensaio recua, assustado, diante da violência do dogma [...]. (ADORNO, 2003, p. 25).

É despreendido de dogmas, correntes filosóficas, religiões, partidos políticos, métodos e sistemas que Montaigne é “antes do Iluminismo um crítico das autoridades; antes da psicanálise um frio observador da sexualidade humana; e, antes do nascimento da antropologia social, um estudioso imparcial de outras culturas” (BURKE, 2006, p. 9). Ele investiga a natureza humana tentando alcançar seus sentidos, revelando-a em sua indefinição, tomando o indivíduo como centro único de toda experiência humana, ainda que costume rebaixar suas potencialidades, nos ensinando a respeitar a diversidade humana. E não pretende, sobre isso, elaborar máximas ou construir axiomas em um tratado absurdamente elaborado e sistemático, como faziam os escolásticos eruditos e pedantes. Em suas próprias palavras:

Minhas ideias são o que as fez a natureza. Para formá-las procurei não seguir nenhuma regra [...]. A que doutrina se ligam? Só o soube depois de as expor e julgar do resultado: pertenço a uma nova espécie, sou um filósofo que se tornou filósofo por acaso e sem premeditação. (MONTAIGNE, 1962 *apud* ANTUNES, 2012, p. 42).

Montaigne se distancia de qualquer âncora totalizadora, como afirmado.

### **O capítulo “Da educação das crianças” nos *Ensaio*s e seus valores implícitos**

---

<sup>87</sup> “Outra vantagem do estilo vulgar é que um coloquialismo bem empregado é um instrumento adequado para uma das atividades literárias favoritas de Montaigne, a de rebaixar as potencialidades humanas.” (BURKE, 2006, p. 86) e “O ensaio, em seu sentido pessoal, era um sapato sob medida para o pé de Montaigne, um gênero que o levaria a falar sobre si mesmo, a questionar o que os outros tomavam por garantido sem comprometer-se com nenhuma solução, e a fazer digressões. A digressão era um artifício retórico típico, mas não nessa escala. Seu livro é em muitos aspectos extraordinariamente aberto, franco e direto, e nos fala através dos séculos como poucos livros do século XVI o fazem” (BURKE, 2006, p. 88).

Em 1579 Montaigne recebe a notícia de que a mulher de um amigo e vizinho seu estava grávida, a Sra. Foix. Então, ele dedica um ensaio a respeito da educação de um rapaz de família nobre, então surgiu o capítulo “Da educação das crianças”. E como é típico de seus ensaios, ele escreve suas opiniões tomando como ponto de partida sua própria experiência, ou seja, a experiência de um fidalgo que descende de família burguesa recém enriquecida, direcionando suas opiniões a respeito da educação para o primeiro filho de uma condessa de família nobre. Além disso, podemos dizer que o autor não está interessado em propor uma mudança institucional na educação, portanto não lhe interessa fórmulas, matérias escolares ou metodologias pedagógicas fechadas e acabadas, o autor é inclusive contra elas. Mas, as questões que dirigem o ensaio XXVI também são a respeito de como educar e para quê educar. Neste capítulo, o autor pensa os caminhos a serem percorridos pelo educando para alcançar sua formação, de modo que ele não atravesse indiferentemente os caminhos, mas que seja um caminhante ativo em sua jornada.

Segundo Danielle Antunes (2008, p. 47), há uma ideia de formação humana que está por trás de todos os escritos dos *Ensaio*s e que influencia diretamente nas suas ideias sobre a educação. Expõe Antunes:

Para nosso autor, o homem é um ser em formação, e só através da experiência formativa pode atingir o seu fim, que é tornar-se mais sábio e melhor. Viver é a possibilidade de autoformar-se, de melhorar-se. E por ser o homem de natureza desconhecida, é, portanto, sensato empreender-se na busca pelo conhecimento de si e de sua natureza. (ANTUNES, 2012, p. 49).

A questão que se segue tem relação com o conceito de natureza humana, o que Montaigne entende por natureza? Ao longo dos ensaios vários significados de “natureza” são tomados pelo autor. E como é do feitio dos ensaios nunca encerrar definições, ele não chega a definir o que de fato é “natureza”. No entanto, dois sentidos parecem ser os mais evidentes e influentes para a ideia da educação: o sentido de “princípio de vida e de movimento de todas as coisas existentes, isto é, como substância; e como lei que governa todas as coisas existentes, como ordem, necessidade” (ANTUNES, 2012, p. 52). Em ambos os sentidos que são empregados nos ensaios podemos identificar o poder que a natureza tem. Segundo esse ponto de vista, e devido a esse poder que “é, ao mesmo tempo, movimento, substância, totalidade,

necessidade, lei universal, princípio de vida, força criadora, Deus...” (ANTUNES, 2012, p. 54), devemos procurar conduzir nossas vidas e a educação das crianças através dessa natureza. Porém, essa condução não é tão simples. Ele afirma:

Os ensinamentos com que nos encoraja a ciência são, em geral, mais aparentes do que eficientes; ornamos mais do que frutificam. Abandonamos a natureza e queremos dar-lhe lições, a ela que tão seguramente nos conduzia. Entretanto, os vestígios de sua orientação, o pouco que resta de seus exemplos nos rústicos, são coisas que a ciência se vê forçada a solicitar-lhe a fim de fornecer a seus discípulos exemplos de constância, de pureza e de tranquilidade. Estranhamos ver seus adeptos imitarem essa tola simplicidade quando querem pôr em prática os mais elementares princípios da virtude; e constatar que nossa sabedoria precisa aprender com os próprios animais as lições indispensáveis aos atos mais graves e importantes da existência: como viver e morrer, poupar nossas forças, amar e educar os filhos, praticar a justiça. Singular testemunho da fraqueza humana! A razão que orientamos como desejamos, e anda sempre a inventar alguma novidade, não deixa que subsista em nós nenhum vestígio da natureza. (MONTAIGNE, 2002 *apud* ANTUNES, 2012, p. 52).

Se Montaigne defende uma educação voltada para o ensino conduzido pela natureza, ao mesmo tempo que aponta certo distanciamento nosso para/com ela, como deve se dar essa formação humana? Já que a formação humana através da natureza é declaradamente uma atividade difícil, devemos nos empenhar para compreender nossos próprios costumes a partir de artifícios humanos tais como a filosofia, a história, as artes, a conversação e o exercício físico, buscando neles uma simplicidade natural (ANTUNES, 2012, p. 55). O “seguir a natureza” que o autor propõe não deve ser entendido como um retorno a uma vida selvagem, mas é o reconhecimento desses artifícios como constituintes da natureza humana<sup>88</sup>.

Ora, dizia Montaigne “o proveito de nosso estudo está em tornarmo-nos melhores e mais avisados” (MONTAIGNE, 1972, p. 82). Tornar-se melhor, dentro da perspectiva de formação humana supracitada, está relacionado com a ideia de Bem. O Bem, na formação do homem, tem por objetivo a construção da virtude, o desenvolvimento da inteligência e da sabedoria. Tal objetivo está intrinsecamente ligado

---

<sup>88</sup> “O movimento que Montaigne empreende, segundo Starobinski, é o movimento da busca do ser por entre o parecer; Montaigne inicia-se na busca pela essência, mas só encontra a realização desta na aparência [...] Parte da aparência em busca pela essência, e ao deparar-se apenas com aparências e em nenhum momento com essências puras [...]” (ANTUNES, 2012, p. 48), é daí que segue tal inferência em relação aos artifícios serem pertencentes à natureza humana.

à excelência moral, à maneira de ser e agir do homem que cultivava valores tais como a moderação, sensatez, discernimento, modéstia, humildade, lealdade e aptidão para a arte do bem viver, que é a busca pela felicidade na adaptação ao meio<sup>89</sup>. São esses valores indicados por Montaigne ao expressar-se sobre “saber viver e morrer bem”<sup>90</sup>. Ele preza, também pelo desenvolvimento de uma comunicação mais flexível voltada para o homem em sua moralidade e sua diversidade (THEOBALDO, 2007, p. 15). Suas preocupações revelam que a educação no contexto dos ensaios é pensada mais por um viés da filosofia moral e social do que através de preocupações pedagógicas propriamente ditas.

Montaigne se preocupa com a maturidade da criança, então suas ideias são voltadas para prevenir que quando adulto o homem não sofra pela falta de educação (de aviso e postura adequada diante das diversas situações e experiências humanas). Diversas partes dos ensaios alertam para os perigos de uma má formação humana quando jovem. Desta maneira o autor propõe que a criança seja preparada para tudo, de maneira que saberá como se por diante das situações, tanto futuras como presentes, sem que para isso tenha em mãos fórmulas já fornecidas por terceiros, afinal as fórmulas usadas por um podem não caber a outros. Montaigne pretende dar as instruções necessárias para que a criança seja senhora de si mesma, independente.

### **Crítica de Montaigne a educação humanista e a ideia de cabeça bem formada**

Montaigne se empenha para escrever uma carta sobre a educação e isso revela sua oposição ao ensino que era praticado na época, de outro modo não seria necessário tal empenho. A função que a escola (a formação humanista) tinha, observou Montaigne, era a de formar os indivíduos para a eloquência, erudição e ganho profissional, portanto era inútil e ineficiente para tornar o homem mais capaz e preparado para a vida. A escola ignorava os valores mais urgentes da educação para a formação moral. Aqui é expressiva sua inquietação para a lacuna mantida pela pedagogia humanista:

Não cessam de nos **gritar** aos ouvidos como que por meio de um funil, o que nos querem ensinar, e o nosso trabalho consiste em **repetir**. Gostaria que corrigisse este erro [...]. É indício de azia e

---

<sup>89</sup> Tais valores podem ser conferidos em MONTAIGNE, 1972, p. 83-85.

<sup>90</sup> “Porque me parece que os primeiros raciocínios de que lhe devem embeber o espírito são os que deverão regular-nos os costumes e os juízos, os que lhe ensinarão a conhecer-se, a saber viver e morrer bem” (MONTAIGNE, 1972, p 85).



indigestão vomitar a carne tal qual foi engolida. O estômago não faz seu trabalho enquanto não muda o aspecto e a forma daquilo que se lhe deu a digerir. (MONTAIGNE, 1972, p. 81, grifos meus).

A maior parte das ideias apresentadas no “Da educação das crianças” são dirigidas ao instrutor, pois não é só aos assuntos ensinados pela pedagogia humanista que Montaigne se opõe, mais ainda ele se opõe à maneira como esses assuntos são trabalhados. A questão da imposição (gritar) e reprodução (repetir) está no centro da crítica, pois essas práticas não permitem o exercício da inteligência nem da liberdade, ferindo de maneira desrespeitosa a expressão individual e à condição humana. Enquanto a escola pretendia ensinar ela fazia apenas com que as crianças memorizassem seus ensinamentos. “Saber de cor não é saber: é conservar o que se entregou à memória para guardar. Do que sabemos efetivamente, dispomos sem olhar para o modelo, sem voltar os olhos para o livro” (MONTAIGNE, 1972, p. 82). Não adianta memorizar as matérias dadas se isso não ajuda o aluno a crescer enquanto indivíduo capaz de deliberar bem sobre as questões práticas de sua vida. Os assuntos trabalhados devem ser importantes para construir esta capacidade.

A tradição humanista valorizava profundamente o estudo das letras (era essencial que o aluno aprendesse o latim para ter acesso aos textos clássicos). Acreditava-se que foi pelo exercício da palavra que o homem construa uma vida civilizada, atingindo uma suposta plenitude da condição humana. Essa crença é o que apoiava os ensinamentos humanistas, uma formação baseada na literatura que valoriza o contato com a tradição antiga e o exercício da eloquência. É evidente que esses valores explícitos na tradição humanista afastam ou criam um distanciamento entre o indivíduo e os interesses mais urgentes da vida prática, bem como tolhem a liberdade do indivíduo, no momento que ele não pode se expressar ou escolher seus valores independentemente, já que seus valores serão aqueles que os humanistas impunham. Os valores humanistas também promovem um afastamento das palavras às coisas, pois se o indivíduo não consegue explicar o mundo através dos conhecimentos transmitidos a ele, há um déficit nessa educação, pois compreender o mundo é mais urgente que ser erudito ou eloquente.

É essa a postura crítica em relação ao humanismo que Montaigne expressa quando cita Cícero, “se seus conhecimentos lhe servem, não para mostrar o que sabe

mas para ordenar seus hábitos; se domina e obedece a si próprio” (MONTAIGNE, 1972, p. 89). A crítica que aparece ao longo do “Da educação das crianças” segue um mote: mais vale agir adequadamente do que falar bem ou saber mais. Assim, o ensaísta reprova e discorda das técnicas mnemônicas como meios para o acúmulo de conhecimento e reclama para uma educação pela ação, pelo movimento do próprio aluno.

O quadro da crítica de Montaigne à pedagogia humanista fica ainda mais preciso quando ele afirma que essa maneira antiquada de ensinar produz homens de *cabeça cheia*, noção contrária à de *cabeça bem formada*. É evidente que essa maneira humanista de ensino através da imposição e da repetição forma uma *cabeça cheia*, pois o aluno retém um conhecimento que lhe foi imposto de maneira autoritária e ainda o reproduz sem ter atribuído um significado mínimo ao que foi decorado. Quando o autor se dirige a Sra. Foix, na intenção de aconselha-la a escolher um preceptor para o seu filho que fosse “um guia com cabeça bem formada mais do que exageradamente cheia” (MONTAIGNE, 1972, p. 81), ele explica que é mais importante analisar os costumes e os entendimentos do preceptor do que sua ciência. A *cabeça bem formada*, em termos montaignianos, é denotado pelos bons costumes e pelo entendimento acerca do mundo humano, sendo assim, as características decisivas para um bom preceptor vão além dos livros. O indivíduo com a cabeça bem formada exerce a sua sabedoria na prática pois ele é capaz de compreender a vida do homem (THEOBALDO, 2008, pp. 59-60).

A *cabeça bem formada* é caracterizada pelo entendimento acerca do mundo dos homens, que não é um entendimento passivamente absorvido, é um entendimento que foi resultado de suas próprias conclusões, de sua experiência na prática. Isso não quer dizer uma rejeição completa dos conhecimentos livrescos, mas esse deverá ter utilidade para ser posto em prática. O preceptor, como veremos adiante, tem, entre outras, a função de ensinar seu aluno a pôr em prática tais conhecimentos. Ter a *cabeça bem formada* é também conhecer a linguagem dos homens pois é através dela que o homem interage com seu meio, significando e resignificando sua realidade. Para Montaigne, mais vale uma cabeça que saiba usar os conhecimentos que possui do que uma que apenas sabe reproduzir os conhecimentos que tem decorados. Também, mais vale saber falar com exatidão do que falar de maneira bela, porém vazia.

## A função do preceptor

Considerando suas motivações para escrever os *Ensaio*s, os valores de formação moral humana que permeiam toda a obra, a crítica ao pedantismo humanista, que ensinavam para a erudição e não para a formação moral, a diferença entre *cabeça cheia* e *cabeça bem formada*, como, então, se dá uma educação com esses valores? Como preparar um indivíduo que viva sua vida a sua maneira, que leve uma vida satisfatória? Qual é a função do professor e seus objetivos? E quais caminhos deverão percorrer os aprendizes para que tenha uma *cabeça bem formada*?

As ideias pedagógicas de Montaigne expressas nesse ensaio dedicado a Sra. Foix começam pela importância de escolher bem um preceptor. Como já dito, é exigência principal que o preceptor tenha a *cabeça bem formada* – pois é importante que ele saiba exercer sua sabedoria na prática – e tenha, igualmente, uma maneira de ensinar diferente da pedagogia humanista tradicional:

[...] para um rapaz que mais desejaríamos honesto do que sábio, seria útil que se escolhesse um guia com cabeça bem formada mais do que exageradamente cheia e que, embora se exigissem as duas coisas, tivesse melhores costumes e inteligência do que ciência. Mais ainda: que exercesse suas funções de maneira nova. (MONTAIGNE, 1972, p. 81).

O autor denota alguns modos que devem ser evitados pelo preceptor de *cabeça bem formada* em sua nova maneira de ensinar: evitar a erudição livresca e o ensino das inutilidades das ciências; evitar o autoritarismo sobre o aluno; sua atividade não deve ser voltada para julgar a quantidade de saber acumulado, mas dar atenção às transformações morais e a formação do caráter de seu aprendiz; evitar o monólogo e aulas exageradamente cheias de conteúdo; jamais privar o aprendiz de exercer seus julgamentos. A nova maneira de ensinar está intrinsecamente ligada às atividades práticas do aluno mais do que ao acúmulo de conteúdo adquirido por ele. Não é estritamente necessário seguir programas de matérias estabelecidos rigorosamente, mais importa saber aplicar os saberes na vivência.

A diversidade humana também deve ser admitida no ensino, pois a nova maneira de ensinar está diretamente ligada às atividades do aluno, e cada aluno terá uma maneira diferente de lidar com o processo de aprender. Portanto, é necessária uma observação

por parte do preceptor, ele deverá estudar o aprendiz, em seus atos espontâneos, para se adequar às suas capacidades de aprender<sup>91</sup>. O preceptor deve verificar a maneira como o aluno age para acompanhá-lo mais adequadamente sem deixar de agir pedagogicamente junto a ele. A atividade de observar o aprendiz deve permitir que o preceptor conheça as capacidades do aprendiz, sem se preocupar em identificar aptidões naturais<sup>92</sup>, pois “as habilidades naturais e as características afetivas que permitiriam prever as inclinações para certas atividades são ‘incertas’, o que impede qualquer tipo de predição” (THEOBALDO, 2008, p. 64). Afinal, a educação é para a formação moral e não para desenvolver habilidades a fim de determinar quais funções sociais (como profissão ou cargos) o educando deve exercer.

Além de respeitar a diversidade humana ao proporcionar uma educação individual permitida pela observação das atividades do aluno, defende Montaigne, a maiêutica tem um enorme papel nesse processo de ensino. “Sócrates, e posteriormente Agesilau, obrigavam os discípulos a falarem primeiro e somente depois falavam eles próprios” (MONTAIGNE, 1972, p. 81). Da mesma forma que a conversa entre o discípulo e o preceptor pode estimular na criança o interesse por diversos assuntos e debates, ao mesmo tempo que o preceptor pode observar os interesses espontâneos da criança, o diálogo também diminui entre eles a distância provocada pela autoridade do mestre. Esse envolvimento oferecido pela maiêutica permite a manifestação espontânea do aluno gerando um espaço muito mais construtivo, pois permite ao preceptor tanto abrir caminhos para o discípulo como possibilitar que ele percorra bem um caminho escolhido por ele próprio<sup>93</sup> (THEOBALDO, 2008, p. 70).

A maiêutica também tem a função de desenvolver no aprendiz a habilidade do julgamento, que irá poupá-lo da aceitação irrefletida (seja de doutrinas, preceitos, costumes, etc.). Irá desenvolver a capacidade pessoal de conceber e emitir suas próprias opiniões, uma vez que as verdades alheias são absorvidas e julgadas, elas promovem

---

<sup>91</sup> “É bom que faça trotar essa inteligência à sua frente para lhe apreciar o desenvolvimento e ver até que ponto deve moderar o próprio andar, pois em não sabendo regular a nossa marcha tudo estragamos. É uma das mais árduas tarefas que conheço colocar-se a gente no nível da criança; e é característico de um espírito bem formado e forte condescender em tornar suas as ideias infantis, a fim de melhor guiar a criança” (MONTAIGNE, 1972, p. 81).

<sup>92</sup> “[...] minha opinião é que as encaminhemos sempre para as coisas melhores e mais proveitosas, sem levar demasiado em consideração as cegas indicações e prognósticos que tiramos da infância” (MONTAIGNE, 1972, p. 80, grifo meu).

<sup>93</sup> “[...]indicando-lhe por vezes o caminho, ou lho permitindo escolher” (MONTAIGNE, 1972, p. 81).

uma postura pessoal diante dessas verdades<sup>94</sup>. A habilidade de julgamento deve ser desenvolvida para a formação da opinião pessoal, para a partir dela alcançar uma boa formação moral.

O sucesso da nova maneira de ensinar defendida por Montaigne, que visa a formação moral, a formação do homem capaz, depende, como pudemos ver, de dois fatores no ato do ensino. Primeiro, depende da observação por parte do preceptor que adapta ao seu aluno sua maneira de ensinar. Segundo, depende da interação entre eles através da maiêutica, permitindo que o aluno seja um participante ativo no próprio processo de aprendizagem ao formar suas próprias opiniões. Essas são as maneiras pelos quais o preceptor conduzirá sua pedagogia. No entanto, resta apresentar os meios segundo os quais o aprendiz alcançará a formação moral e a *cabeça bem formada*.

### **O “comércio dos homens”: os caminhos pelos quais será guiado o aprendiz**

Esta passagem nos dá uma pista de quais meios são esses:

Ora, para exercitar a inteligência, tudo o que se oferece aos nossos olhos serve suficientemente de livro: a malícia de um pajem, a estupidez de um criado, uma conversa à mesa, são, como outros tantos, novos assuntos. Para isso, o comércio dos homens é de evidente utilidade, assim como a visita a países estrangeiros; [...] para observar os costumes e o espírito dessas nações e para limar e polir nosso cérebro ao contato dos outros (MONTAIGNE, 1972, p. 82).

O “comércio dos homens”, nome dado ao conjunto de quatro situações – são elas: conversação, viagens, contato com a história e frequência do mundo – é o meio pelo qual o aluno terá uma boa formação moral, ser capaz de desenvolver a *cabeça bem formada*. O comércio dos homens é importante para o aluno observar os costumes e as condutas de onde pertence, pois é nessa observação que iniciará o desenvolvimento das habilidades necessárias para o bem agir e para o bem viver. Serão apresentadas, através desse comércio, as lições sobre a diversidade de costumes, os diferentes modos de conduta e pontos de vista. É no comércio dos homens que se dá o conflito existente entre as opiniões pessoais e os costumes que permeiam a vida em sociedade, portanto é

---

<sup>94</sup> “[...] os elementos tirados de outrem, ele os terá de transformar e misturar para com eles fazer obra própria, isto é, para forjar sua inteligência” (MONTAIGNE, 1972, p 82).

na convivência social que os valores considerados adequados serão construídos e reiterados. Isso não significa uma aceitação imediata aos paradigmas socialmente estabelecidos, mas compreendê-los tomando-os como parâmetro para exercitar o julgamento a fim de tornar melhores e mais adequadas as opiniões pessoais.

Todas as atividades do “comércio dos homens” visam o contato do aluno com a diversidade de costumes e as inúmeras possibilidades de organização e comportamento em sociedade, para através dessa atividade exercitar o julgamento e formar suas próprias opiniões. Cada uma das atividades tem uma função específica. Por exemplo, as viagens tem a função de fazer o aluno experimentar tal inquietação (que é estar em contato com o diverso, diferente do habitual) longe dos confortos da família; a frequência aos livros permite o conhecimento dos grandes homens do passado, possibilitando o aluno uma gama maior ainda de influências para sua própria formação; a frequência ao mundo tem a função de exercer tudo o que foi aprendido, e o momento dessa execução é outro momento de aprendizado importante para a formação. Todas elas são ocasiões apropriadas para praticar o exercício do julgamento, porém a atividade mais proveitosa e natural, que expressa a importância do “comércio dos homens” na formação educacional, é a conversação.

Também na conversa em sociedade o preceptor tem fundamental papel, o de mostrar ao aluno como tirar proveito de uma simples conversa. A participação no comércio dos homens não deve ser passiva ou ingênua, como mostra Theobaldo:

O essencial da orientação pedagógica para a conversação é articulado em duplo viés: ao lado do aprendizado dos costumes (pois estes, em sua diversidade, constituem rica matéria de formação) e das condutas em companhia, é preciso também aprender a tirar proveito de uma conversa, saber conduzi-la e nela participar de tal forma que uma simples conversa possa ser transformada em exercício do julgamento (THEOBALDO, 2008, p. 108).

Na conversação a função do preceptor é alimentar as disposições que beneficiem o aprendizado, abrindo espaço para a aprendizagem das lições dessas atividades. Para isso, por exemplo, o preceptor deve conduzir o aluno a evitar a exibição de suas próprias opiniões e conduzi-lo a ouvir mais seu interlocutor, de outra maneira tal exibição impediria o aluno de conhecer o outro, fazendo ruir o objetivo da atividade. O preceptor também deve conduzir seu aluno para a autocorreção, afinal, ele aprenderá

também na conversação que todo mundo tem defeitos e ninguém está ausente de cometer tolices, assim ensinando-o a ser flexível com as opiniões alheias contrárias às suas. Deve ser evitado o vício das técnicas e regras discursivas, muito utilizadas pelos humanistas escolásticos, pois elas interferem e inibem o andamento natural do debate, limitando o exercício do julgamento pessoal independente.

Montaigne também indica a maneira como a conversa deve ser exercida, e o preceptor tem a função de ensiná-lo a conversar dessa maneira, a maneira que seria mais adequada. O aluno, diz o ensaísta, deve dirigir os argumentos de maneira a confrontar as contradições apresentadas pelo seu interlocutor, promovendo assim o exame das opiniões opostas, corrigindo-as ou corroborando-as, mas sempre exercitando a capacidade para compreender os argumentos alheios. É necessário, também, que o aluno saiba reconhecer e admitir o caráter persuasivo de um argumento melhor ou contrário ao seu. É notável a importância que Montaigne dá, na atividade da conversação em sociedade, para a livre manifestação das opiniões pessoais. Para ele, o aluno deve ter um comprometimento empenhado em suas próprias convicções<sup>95</sup>, e suas opiniões não devem estar comprometidas com motivações externas, alheias, como sobre autoridades. No entanto, seu limite é o dever público, o respeito aos costumes de sua sociedade, pois como o próprio Montaigne fala citando Cícero:

As licenças poéticas não são permitidas senão aos grandes poetas; assim também somente as almas superiores e ilustres têm o privilégio de se alçarem acima dos costumes: “se Sócrates e Aristipo nem sempre respeitaram os usos e costumes de seu país, não julgue que possa agir do mesmo modo; grandes e divinos méritos lhes autorizaram tais licenças”. (MONTAIGNE, 1972, p. 83).

A importância da livre expressão se dá devido à possibilidade de mudar de opinião, pois as opiniões devem estar sempre abertas à correção. Portanto, é necessário que o preceptor ensine a distinção entre submeter-se a autoridades públicas e deixar-se escravizar pelas ideias. Em outras palavras, o aluno deve saber “o que é fruto do próprio discernimento e os compromissos sociais nos quais se está envolvido por obrigação, por ‘dever público’” (THEOBALDO, 2008, p. 139).

---

<sup>95</sup> “[...] se defende uma causa é porque a aprova; e não fará como aqueles que vendem em moeda sonante a liberdade de poder refletir e reconhecer seu erro” (MONTAIGNE, 1972, p. 83).

Com a mesma independência e espontaneidade que o aluno deve expressar-se, deve também buscar o aprendizado. Isto quer dizer que para o aluno aprender ele deve ser motivado a buscar esses conhecimentos. Fazê-lo procurar o aprendizado também é função do preceptor, ou seja, também é sua função conduzi-lo às coisas melhores da vida. É nessa atividade espontânea de frequência ao mundo através da conversa que ocorrerá a significação (ou resignificação) das experiências cujo aluno entrou em contato. Em contrapartida, se o aluno está aprendendo por obrigação, sua tendência será entregar à memória a aprendizagem irrefletida, demonstrando assim uma atividade passiva e declaradamente débil aos parâmetros propostos por Montaigne.

Em síntese, as lições aprendidas através da conversação – e de todo o comércio dos homens – são a de aprender a ouvir, ter adequação e clareza na argumentação, o reconhecimento de seus próprios defeitos, ser flexível com opiniões contrárias e aprender com tudo e todos, afinal “[...] para exercitar a inteligência, tudo que se oferece aos olhos serve suficientemente de livro” (MONTAIGNE, 1972, p. 82). São essas lições que o aprendiz deve aprender para ter uma *cabeça bem formada*:

Estas lições, o jovem as traduzirá em ações, e as aplicará aos atos de sua vida. Ver-se-á assim se é prudente em seus cometimentos, se é bondoso e justo no seu proceder; se é sensato e gracioso no seu falar [...]. O verdadeiro espelho de nossos pensamentos é a maneira de vivermos (MONTAIGNE, 1972, p. 89).

Entende-se que a presença do preceptor também de *cabeça bem formada* é indispensável ao processo da formação humana, conduzindo o aprendiz às experiências mais importantes do processo de formação, dando bases para o aluno alcançar sua independência e a disposição para as melhores coisas. Como diz Montaigne a respeito do aprendiz: “Que sua conduta se acomode aos costumes e que possa fazer todas as coisas, mas só goste de fazer as boas” (MONTAIGNE, 1972, p. 88).

## Conclusão

O capítulo dedicado por Montaigne para expressar diretamente suas ideias de educação é o “Da educação das crianças”, texto base para este trabalho. Apesar deste título, Montaigne está preocupado com a formação do homem, em como torná-lo melhor, isto é, educar um homem para uma *cabeça bem formada*, pois sabe exercer seus



conhecimentos na prática, que domina a arte de viver bem. Este ensaio está inserido em um contexto complexo, contexto que influenciará as ideias do autor bem como a maneira de expressá-las, portanto entender o contexto é indispensável para entender suas ideias.

Montaigne escreveu suas ideias em ensaios, um gênero que o permitiria cumprir com seu objetivo principal: conhecer a si próprio. Ao mesmo tempo expressar-se em ensaios também era uma crítica ao estilo escolástico tradicional de escrever em tratados extremamente regulados. É nesse contexto que o ensaio “Da educação das crianças” está inserido. Nele são apresentadas as opiniões do autor sobre como educar e para quê educar, sem que a atividade esteja empenhada em matérias escolares ou metodologias pedagógicas fechadas. O que sustenta as ideias pedagógicas do ensaísta é o valor da formação humana relacionada ao constante movimento de tornar-se melhor, postura que só será adotada se o indivíduo em formação for instruído para uma *cabeça bem formada*.

A apresentação da ideia de *cabeça bem formada* é também uma crítica direta à tradição humanista escolástica que tinha seu próprio método de ensino. O autor acusa a pedagogia humanista de inútil e ineficiente para tornar o homem capaz e mais preparado para a vida, pois seus ensinamentos visavam mais a eloquência, erudição e o ganho profissional, esquecendo-se, portanto, da formação humana dos indivíduos. Tal pedagogia humanista produz indivíduos de *cabeça cheia* pois eles são obrigados a reter informações e repeti-las numa avaliação, portanto usam da memória, enquanto o que deveria ser promovido era indivíduos de *cabeça bem formada*, isto é, indivíduos que entendem de maneira ativa o mundo, que sabe uma coisa não por que ouviu alguém falar, mas porque aprendeu na prática. Portanto, o indivíduo de *cabeça bem formada* é aquele que exerce o seu conhecimento na prática, sabe pensar, e não deixa os outros pensarem por ele.

A primeira vez que Montaigne se refere ao termo *cabeça bem formada* é quando pretende indicar um preceptor adequado. Esse preceptor, que deve ele mesmo ter uma *cabeça bem formada*, seria um professor ideal, pois é a partir dessa característica que decorrerá todas as outras necessárias para um ensino adequado. Primeiramente o preceptor deve evitar todos os vícios propagados pela tradição humanista, tais como erudição,

ensino estrito através dos livros e a memorização, autoritarismo sobre o aluno, entre outros. O preceptor deve entender a diversidade humana e usar dessa sabedoria para adaptar-se ao aluno, o que permitiria otimização do ensino, e uma grande ferramenta para alcançar seu objetivo é a maiêutica. Tais características possibilitarão o preceptor a guiar seu aprendiz pelos caminhos que tornam a *cabeça bem-feita: o comércio dos homens*.

O *comércio dos homens* é como Montaigne chama ao conjunto de situações que possibilitarão seu desenvolvimento adequado, ou seja, formar sua “cabeça bem-feita”. As situações são: a conversação, viagens, contato com a história e a frequência do mundo. Esses são os caminhos que o aprendiz precisa percorrer, conduzido pelo preceptor, para que tenha uma formação para a capacidade e independência, características adquiridas quando sua cabeça estiver bem formada, maturada.

Ora, todo esse estudo sobre as ideias de Montaigne mostra que tais reflexões podem ser muito bem colocadas ao nosso tempo, não de maneira a segui-las à risca (afinal seria totalmente inviável haver um preceptor para cada aprendiz, e fazê-los viajar, etc.), porém, na contemporaneidade tem a função de estimular em nós o exercício do julgamento e da autorreflexão a respeito da situação atual dos nossos sistemas de educação. É evidente as semelhanças entre a pedagogia humanista com as pedagogias exercidas atualmente, principalmente ao notarmos que a função das escolas, em sua grande maioria, está comprometida com a aprovação de seus alunos nas famigeradas universidades públicas, esquecendo, portanto, o real sentido da educação que é tornar o homem mais capaz para a vida, promover uma *cabeça bem formada*.

### Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I: O ensaio como forma**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almenida. São Paulo: Editora 34, 2003.

ANTUNES, Danielle. **Da educação das crianças em Montaigne: uma ideia de formação humana**. Tese (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BURKE, Peter. **Montaigne**. Trad. Jaimir Conte. São Paulo: Loyola, 2006.

EVA, Luiz. **A figura do filósofo**. São Paulo: Loyola, 2007.

- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Trad. Sérgio Milliet. 1ª ed. São Paulo: Abril S.A., 1972.
- THEOBALDO, Maria Cristina. **Sobre o “Da educação das crianças”: a nova maneira de Montaigne**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- STAROBINSKI, Jean. **Montaigne em Movimento**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.